

Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos

CDD. 20.ed. 152.4
790.1

Tiago Nicola LAVOURA*
Gisele Maria SCHWARTZ*
Afonso Antonio MACHADO*

*Departamento de
Educação Física, Uni-
versidade Estadual
Paulista - Rio Claro.

Resumo

As discussões acerca das atividades de aventura na natureza constantemente permeiam certa aproximação de tais atividades no trato com as emoções, em especial, com as sensações e sentimentos de prazer, descanso, vertigem e risco. Entretanto, muito, ainda, há que se refletir sobre os estados emocionais associados a estas práticas, no sentido de se aprofundar os conhecimentos. Esta pesquisa, de característica qualitativa, de cunho descritivo exploratória, teve como objetivo investigar de que forma as emoções são experimentadas por um grupo de jovens que vivenciou, pela primeira vez, o "rappel", sendo este muito conhecido dentre as práticas de aventura na natureza. Para a análise das respostas, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo Temática. Os dados analisados descritivamente indicam a presença de sentimentos, sensações e emoções considerados receosos, como ansiedade, insegurança e tensão, bem como, aqueles considerados prazerosos, como alegria, desafio, aventura, além de outros que sintetizam ambos os pólos, como o medo, desencadeado pelas características destas práticas em ambientes naturais.

UNITERMOS: Emoções; Natureza; Atividades de aventura; Lazer.

Introdução

Já é notória a consolidação das discussões acadêmico-científicas acerca das atividades de aventura na natureza, assim como, suas múltiplas possibilidades de investigações no que tange às suas buscas e práticas do contexto do lazer atual.

O lazer, objeto de estudo e investigação, gera inúmeros pontos e contrapontos, talvez por suas diversas variáveis intangíveis de mensuração e por sua natureza interdisciplinar, como afirma BRAMANTE (2005).

Entendido aqui como um campo de atividade ou esfera da vida social e culturalmente construída, o lazer é delineado pelas possibilidades de um tempo disponível e uma atitude favorável à vivência não obrigatória de atividades livremente escolhidas pelos indivíduos, envolvendo características intensas de prazer e satisfação, ocasionando, inclusive, mudanças significativas de ordem moral e cultural, pessoal e social (MARCELLINO, 2000).

Em meio a este tempo e espaço privilegiados para a realização das mais diversas possibilidades de atividades, emergem os múltiplos interesses e conteúdos culturais vivenciados no lazer (DUMAZEDIER, 1980). Dentre tais conteúdos, as atividades de aventura na natureza destacam-se no contexto dos interesses físico-esportivos e turísticos.

As atividades de aventura na natureza são aqui entendidas, compartilhando-se as idéias de MARINHO (2006), quando afirma que:

Tais atividades são, aqui, entendidas como as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos que permitem uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática - terra, água ou ar. [...] (p.7).

Conforme alerta SONAK (2004), pode-se ter uma concepção de natureza tomada apenas como cenário ou palco para a realização destas atividades, uma vez que se pode ter a compreensão do tempo disponível como o momento oportuno para atividades de consumo ou vinculadas ao modismo

As atividades de aventura na natureza, por vezes, não escapam desta significância, em que os indivíduos podem ser vistos como meros consumidores de tais práticas, entretanto, o enfoque, neste artigo, permeia outras considerações, para além da complexidade das temáticas econômica e mercadológica a estas vivências também associadas.

Não obstante, ainda que sejam o consumismo e o modismo os catalisadores de uma tendência real de concepção acerca destas atividades, é possível vivenciá-las de outras maneiras, com um real comprometimento de seus praticantes com o meio, ultrapassando ou deixando de fora simples aspectos comerciais.

Para tanto, busca-se, no encontro ou no reencontro consigo mesmo e com o outro, atingir níveis de qualidade das relações entre as pessoas, os lugares e culturas (MARINHO, 2006).

Nesta relação ser humano - natureza é possível compreender a necessidade da busca por novas sensações e sensibilizações, sendo o corpo caracterizado como campo informacional, como bem salienta BRUHNS (2003), permitindo o afloramento das mais diversas emoções fundamentadas pelo respeito, pela ética e pela não-dominação.

Em tais atividades, o fato de chegar a lugares, por ora inacessíveis (o cume de uma montanha, o escuro da caverna, a força dos ventos ou das corredeiras dos rios) permite que tais “aventureiros” experimentem uma gama de significados, por meio desta troca simbiótica entre corpo e meio, remetendo os sujeitos a novas sensações, sentidos, sentimentos e emoções.

A categoria aventura reflete aquilo que SPINK, ARAGAKI e ALVES (2005, p.35) assinalam sobre a relação entre risco e aventura, conexão esta valorizada pela possibilidade de novas buscas e descobertas e, no caso de tais práticas, envolvendo “[...] o desafio aos limites físicos ou aos limites de nossas habilidades [...]”, sendo que estas se constituem pela presença de riscos (tidos como controlados, por meio de habilidades específicas e equipamentos tecnológicos) e a natureza interagindo com a atividade.

Esta relação entre indivíduo e espaço se fortalece, fazendo com que os praticantes se sintam em fusão com o meio, se reconheçam e se incluam como natureza, não sendo esta entendida apenas como flora e fauna (MARINHO, 2006).

Em meio a estas experiências sensíveis, a prática das atividades na natureza possibilita, conforme BRUHNS (2006), uma reflexão sobre esse espaço e sobre esse envolvimento, com diversas possibilidades de interpretação.

Nesse sentido, o corpo é concebido como receptor e emissor de informações, em uma relação acentuada pela contemplação, estimulando o aguçamento dos sentidos e filtrando-se em valores e concepções de estilos de vida.

Nota-se que o contato direto com a natureza, possibilitado por estas práticas, permite maior reflexão sobre tal espaço, já que o contato com as águas, as rochas, o sol, o vento, as plantas e os animais ampliam e desenvolvem as capacidades lúdica e poética e o senso estético.

Esses elementos são percebidos e aprimorados na relação sensual do “eu” com os outros e com o mundo, evidencia BRUHNS (2006).

Tais idéias e reflexões também são compartilhadas por SCHWARTZ (2006) e SHARPE (2005), ao afirmarem que a aproximação do ser humano à natureza, nestas atividades, tende a colaborar para uma nova harmonização de ambos, contribuindo, inclusive, para uma real catalisação dos níveis de participação dos órgãos dos sentidos.

Por meio de um processo de experimentação das informações sensíveis que permeiam o corpo como um todo, quando em contato com as vivências no ambiente natural, pode-se suscitar mudanças axiológicas, de valores, condutas e estilos de vida.

É neste “jogo das sensações”, possibilitado pela efetiva relação ser humano-natureza, que surge o espaço para a discussão da valorização e preservação do meio ambiente, sensibilizando, tocando e despertando, nestes praticantes, atitudes e condutas preservacionistas.

Quando se fala em educação ambiental, é necessário entender que tais valores só passam a ser entendidos e assumidos pelos indivíduos, quando algo os toca ou os afeta, fazendo com que estes incorporem e interiorizem ideais e preceitos que passarão a fazer parte de seus juízos de valores.

Entretanto, há que se concordar com MARINHO (2004), quando a mesma afirma que a simples visita à natureza pode não ser suficiente para despertar nos indivíduos a consciência preservacionista.

Para que a atitude conservacionista efetivamente ocorra, torna-se necessário um aprendizado capaz de despertar a percepção da natureza por meio da afetividade.

De acordo com SCHWARTZ (2004) é por intermédio de atividades de sensibilização (interação

do sujeito com o meio, levando-o a refletir e compreender a si mesmo, o outro e o ambiente) que se pode resgatar o humano do ser, contribuindo para a melhoria da qualidade existencial.

Neste sentido, estimular novas sensibilidades, por meio da prática das atividades de aventura, na conciliação com a natureza, parece oportunizar o resgate da subjetividade, do sensível, do estético e das emoções.

Essas características e qualidades anteriormente apontadas parecem ter sido sublimadas no decorrer no tempo evolutivo, culminando, hoje, em uma sociedade mercantilista e consumista, que concebe o ser humano como uma máquina de produção, dominado e disciplinado pelo trabalho.

BRUHNS (2003, p.42) também compartilha destas idéias, ao afirmar que

Caminhar por uma trilha num ambiente natural, num contato íntimo com o ambiente, talvez possa ser um exercício dos sentidos, auxiliando na interpretação do meio, contrapondo-se à navegação pela geografia da sociedade moderna [...].

Com base nestas prerrogativas, entende-se que as práticas das atividades de aventura na natureza podem auxiliar na alteração de uma visão simplista e recorrente de desvalorização do corpo, por vezes tomado de modo secundarizado e negligenciado em relação a sua essência, conforme alertou LE BRETON (2003).

A contribuição proveniente dessas vivências permite que se supere a visão de corpo como objeto, matéria-prima ou, ainda, de suporte da pessoa,

podendo ser, este, então, considerado como “a raiz da identidade do homem” (BRUHNS, 2003, p.15).

Tomando-se as relações do ser humano com a natureza como fonte para a experimentação das mais diversas emoções, por meio das atividades de aventura, reincorpora-se as reflexões acerca de um novo processo de hominização, possibilitando-se um amplo espaço para o ato de sentir, sem mensurações e quantificações.

Essas novas experimentações corporais se distanciam da racionalização, do corpo coisificado, funcionalizado, frio e metrificado, denunciado, inclusive, por ADORNO e HORKHEIMER (1985), perante os ditames da tessitura do processo civilizatório. Tal processo, afirma ADORNO (1995), deve ser estabelecido via educação, uma educação dos sentidos, educar para a sensibilidade, para que novas barbáries não voltem a ocorrer.

Tomando como referência todas essas considerações, esta pesquisa teve como objetivo investigar a maneira como são experimentadas essas emoções na prática das atividades de aventura na natureza, neste caso específico, na vivência do *rappel*.

Este trabalho vem somar algumas reflexões a esta área do conhecimento, com o intuito de contribuir para superar o desafio de se compreender a forma complexa como essas práticas de aventura na natureza sensibilizam os indivíduos e os despertam para um conjunto de interações ativas, com base em afetos, emoções, e sensações vivenciadas no ambiente natural.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é de natureza descritiva exploratória, tendo como base a idéia de que a problemática analisada pode ser melhor compreendida por se adequar às exigências das dinâmicas envolvendo os fenômenos sociais (THOMAS & NELSON, 2002).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado como instrumento para coleta de dados um inventário contendo questões abertas, permitindo maior facilidade para a captação dos dados, já que estas favorecem aos participantes considerável liberdade para manifestação de suas idéias, possibilitando, assim, que os objetivos aqui propostos possam ser cumpridos.

Um inventário piloto, inicialmente, foi validado por três especialistas da área, com título de doutor e, de posse desta análise, foi elaborado o instrumento

definitivo, composto por algumas questões que possibilitaram caracterizar os sujeitos participantes, como idade, sexo, grau de escolaridade, entre outros, e construído mediante uma pergunta-chave, considerada como o eixo norteador da pesquisa, sendo ela “Como foi esta experiência para você?”.

Tal questão norteadora foi elaborada de forma que não possibilitasse a “contaminação” da pesquisa, ou seja, levar os participantes à indução das respostas, fazendo alguma pergunta direta sobre sensações e emoções. Assim, esta única pergunta foi feita para que os participantes respondessem livremente sobre a experiência, e não, necessariamente, tendo que falar sobre emoções.

Os dados coletados pelo instrumento foram analisados descritivamente, por meio da técnica de

Análise de Conteúdo Temático proposta por BARDIN (2004). Essa técnica é caracterizada como um procedimento de fragmentação de textos, com o objetivo de identificar regularidades, permitindo evidenciar apenas o que é significativo das respostas, facilitando a compreensão dos resultados. Considerando as palavras do autor,

[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que se desenvolvem [...], através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimento [...] dessas mensagens (BARDIN, 2004, p.31).

Sendo assim, a partir de codificações de elementos de textos, entrevistas ou questionários, podem-se calcular frequências e correlações, as quais possibilitam explicar e interpretar as características das comunicações e mensagens “discursadas”, conforme salienta o autor anteriormente apontado.

A designação desta análise, com base nas prerrogativas explicitadas por BARDIN (2004) e RICHARDSON (1999), consiste em decompor os textos em unidades de significados e, posteriormente, reagrupá-los por classificação temática. A pluralidade temática presente no conjunto do texto, ao mesmo tempo em que permite ponderar a frequência desses temas dentro de um mesmo conjunto, possibilita a comparação entre os elementos do corpo do texto, constituindo, assim, o agrupamento dos elementos mais próximos e mais significativos.

Para análise do material do estudo, buscou-se, basicamente, a codificação, a categorização e, neste caso, para ilustração, a quantificação da informação.

Resultados

O grupo participante da pesquisa foi composto por oito indivíduos (quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino), com média de idade de 28 anos, todos com ensino superior completo, sendo que quatro já possuíam curso de pós-graduação e os outros quatro estavam nesta etapa da formação continuada.

Assim que a atividade foi realizada, aplicou-se o inventário proposto e, de posse dos dados coletados foi possível realizar a Análise de Conteúdo das respostas, conforme a proposta metodológica.

Na primeira etapa da análise, os resultados foram agrupados em 24 categorias iniciais, que constituíram o eixo principal, mediante análise da

Para tanto, uma das possibilidades de análises, utilizada aqui para ampliar as perspectivas de compreensão dos dados, consistiu no cálculo das frequências e porcentagens, as quais “[...] permitem estabelecer a importância dos elementos analisados, por exemplo, as palavras” (RICHARDSON, 1999, p.233).

A codificação das mensagens é um processo de transformação, procurando agrupar os temas em unidades as quais possibilitem a representação do conteúdo, levando-se em conta os critérios de objetividade, sistematização e generalização, além de cumprir as etapas, vistas como fundamentais, de determinação das unidades de significado, escolha das regras de numeração e definição das categorias de análise (RICHARDSON, 1999), aspectos que foram levados em consideração, no decorrer da análise apresentada a seguir.

Conquanto este estudo seja do tipo descritivo, os dados foram também expressos sob a forma percentual, apenas para ilustrar e auxiliar a visualização dos mesmos, sem prejuízo das categorias temáticas advindas da análise descritiva.

Participou do estudo uma amostra intencional, formada por adultos jovens, sendo quatro homens e quatro mulheres, que realizaram pela primeira vez a prática do *rappel*, no Morro do Camelo, na cidade de Analândia, interior de São Paulo, em outubro de 2006.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, prevendo-se a possibilidade de interrupção da participação a qualquer momento e a autorização para divulgação e utilização dos dados em trabalhos acadêmicos. De posse da anuência dos mesmos, deu-se início a aplicação do referido instrumento de pesquisa.

pergunta norteadora, “Como foi esta experiência para você?”.

As categorias iniciais foram construídas a partir da revisão das respostas dos questionários, identificando-se a variedade dos elementos presentes no conjunto dos dados, sendo que o critério priorizado foi o de considerar aquilo que explicitamente estivesse representado no texto, e relacionado com os objetivos da pesquisa.

Tais categorias iniciais ou gerais encontradas nortearam as linhas temáticas que se relacionavam e eram decorrentes dos dados analisados, sendo que, posteriormente, foram reconhecidos e identificados os elementos significativos, ou unidades de significado,

de tais categorias iniciais, conforme listagem a seguir, assim como, a frequência e recorrência dos mesmos:

TABELA 1 - Decomposição das unidades de significados e as suas relativas frequências.

Categorias	Frequência dos itens
Sensação	12
Medo	10
Prazer	6
Superação	5
Ansiedade	4
Natureza	4
Desafio	3
Aventura	2
Capacidade	2
Pensamento	2
Coragem	2
Emoções	2
Vivência	2
Realização	1
Conhecimento	1
Causa	1
Preocupação	1
Significado	1
Alterações	1
Insegurança	1
Alegria	1
Experimentação	1
Pânico	1
Libertação	1

Diante da fragmentação das respostas construídas pelos participantes, pode-se verificar que, com base nas categorias iniciais encontradas, a unidade de significado com maior frequência foi a palavra “sensação”, com percentual de 17,9% de frequência,

seguida da palavra “medo”, com 14,9% de frequência, assim como “prazer” com 8,9% e “superação” com 7,4%, “ansiedade” e “natureza” com 5,9% e “desafio” com 4,4% de frequência.

O reagrupamento das unidades de significados encontradas permitiu que fossem percebidas cinco categorias secundárias, compostas por novas unidades de significados denominadas, a saber: sensações prazerosas, sensações receosas, emoções, representações da experiência e aproximação com o meio. Tal reagrupamento permitiu a elaboração de uma segunda tabela, observando-se a frequência de tais unidades de significados:

TABELA 2 - Unidades de significados reagrupadas e suas relativas frequências.

Categorias	Frequência dos itens
Sensações receosas	17
Sensações prazerosas	16
Emoções	14
Aproximação com o meio	11
Representações da experiência	9

Fica evidente, na análise da TABELA 2, que as maiores frequências encontradas nas unidades de significados dizem respeito a sensações e emoções. Considerando essas três unidades de significados como um único eixo norteador, já que se pode considerar que essas três categorias perpassam o processo do sentir, foram definidas as seguintes categorias:

Com base nestas considerações, verifica-se que a categoria com maior frequência percentual é a de denominação “sentir”, com 70,1% de frequência percentual. A categoria “aproximação com o meio” resultou em 16,4% da frequência total, e a categoria “representações da experiência” com 13,4% da frequência percentual.

TABELA 3 - Novo reagrupamento das unidades de significados, considerando-se único o processo de sentir, e suas relativas frequências.

Categorias	Frequência dos itens	
SENTIR	Sensações receosas	47
	Sensações prazerosas	
Aproximação com o meio	11	
Representações da experiência	9	

Discussão

Fica evidente, com base nos relatos dos participantes, a proximidade entre as práticas das atividades de aventura na natureza e as emoções. Tal relação é perceptível neste estudo, fato de o termo “sensação” ter sido o mais apontado no eixo principal da análise realizada, qual seja, a decomposição das unidades de significados.

Essa constatação não é nova, já que diversos autores já evidenciaram essa aproximação, atrelando práticas corporais, aventura, natureza e emoções (BRUHNS, 2003; COSTA, 2000; SCHWARTZ, 2002).

Não obstante, as análises das respostas apresentadas pelos participantes, nesta pesquisa, levam a algumas considerações, permeadas por uma discussão não muito habitual, e, inclusive, paradoxal, no que tange às relações entre as emoções receosas e prazerosas concomitantemente sentidas em tais práticas.

Diante de um referencial da psicologia clássica, é comum encontrar alguns autores que estabelecem uma distinção entre emoções positivas, como alegria, felicidade e satisfação, e emoções negativas, tais como tristeza, medo e ansiedade.

Contudo, pesquisadores como DAMÁSIO (1996), GOLEMAN (2001) e LEDOUX (1998) afirmam que, emoções cultuadas como negativas, como é caso do medo, se tomadas por uma análise evolutiva, revelam sua importância para a preservação da espécie, não só humana, pois tal emoção é a responsável por sinalizar situações de risco, ameaça ou perigo.

O próprio DARWIN (1872) e sua clássica obra *A expressão das emoções no homem e nos animais*, já revelava a importância das emoções e do valor e utilidade de suas expressões na vida social.

O fato de a expressão “medo” ter sido a segunda mais apontada no eixo principal da análise das respostas, não significa que tal emoção seja considerada apenas como negativa e que a mesma cause uma reação de fuga nos participantes.

Ao contrário disto, a procura pelas atividades de aventura na natureza, em que se podem vivenciar aspectos fora do cotidiano comum, tomados por um risco calculado, propiciado pela tecnologia dos materiais, capacitam os indivíduos a se lançarem no espaço, na profundidade, na imersão, deparando-se com os obstáculos da natureza, os quais se tornam verdadeiros atrativos.

Esse aspecto passa a configurar o medo como uma emoção excitante, agora, atrelada ao prazer da realização e da superação do desafio. Alguns autores, como COSTA (2000) e MCDERMOTT (2004) já

evidenciaram esta perspectiva propiciada pelas atividades de aventura, em seus estudos.

A unidade de significado dimensionada como “sensações receosas”, no reagrupamento das unidades de significados da categoria principal, faz com que se tenha a mesma consideração sobre o termo “medo”.

Sensações de medo, ansiedade, insegurança e preocupação relatadas pelos participantes foram as constituintes dessa unidade de significado, tida como “sensações receosas”, em que se infere o aparecimento destas, justamente pelo diálogo corporal com o ambiente, gerador de uma complexa produção de pensamentos, sensações e emoções, tanto do ponto de vista sensorial, como afetivo.

Essas práticas aventureiras compartilham da experimentação de tais sensações, ora apresentando uma fusão entre medo e prazer, ora entre ansiedade e satisfação, ou ainda, entre insegurança e conforto, assim como, entre preocupação e alegria.

Essas fusões são fruto da entrada em um mundo estranho, desconhecido, imprevisível e desafiante. É exatamente este inter-relacionamento de sensações e emoções que faz com que surjam, nos relatos dos participantes, a unidade de significado “sensações prazerosas”, representando este jogo dos sentidos, conforme evidenciado nos trabalhos de COSTA (2000), SCHWARTZ (2001) e SPINKS, LAWLEY e RICHINS (2005).

As unidades de significados “aproximação com o meio” e “representação da experiência” corroboram o pensamento de alguns autores, como PIMENTEL (2006), para o qual as experiências de praticar atividade de aventura na natureza levam à construção do corpo acrobático.

A mesma expressão também foi utilizada por BETRÁN (2003), sendo o corpo, no contato com a natureza, produto e produtor de um sistema lógico de interações, compreendido pelas inversões corporais, pelos equilíbrios e desequilíbrios, pelas acrobacias e reequilíbrios, permeados por uma sensação provisória de perda de controle, promovendo outras formas de motricidade, congregando, simultaneamente, lúdico e vertigem.

Essa intrínseca relação ser humano-natureza favorece o aparecimento de termos semelhantes aos identificados nas respostas dos participantes, tais como: “experimentação”, “alterações”, “libertação”, “desafio”, “aventura” e “realização”, evidenciados no eixo principal da análise e reagrupados nas novas unidades de significados, concebidas como “aproximação com o meio” e “representação da experiência”.

Fica evidente que a (re)aproximação estabelecida entre os praticantes e a natureza, permeada pela aventura, para além da utopia e da ingenuidade, possibilita uma nova reeducação ou reaprendizado no trato com as emoções, já que estas, como evidenciado por DAMÁSIO (1996), tenderam ao esquecimento e à repressão no cotidiano, ao longo da história da humanidade.

Talvez, com as práticas de atividades de aventura na natureza, se esteja próximo de conquistar o que ELIAS e DUNNING (1992) tenderam a denominar de reconstrução do processo de longa duração da história da natureza humana, processo este que possibilita a consagração do ser humano como um ser, de fato, emotivo. Nas palavras dos autores:

O desporto, tal como outras actividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, *autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente*. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress. O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a *estimular as emoções*, a evocar tensões sobre a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida [...] (ELIAS & DUNNING, 1992, p.79) (destaque nosso).

Considerações finais

No intuito de finalizar esta reflexão, sem, no entanto, esgotar as discussões do tema em questão, necessita-se enfatizar que não se defende aqui a idéia de que a simples aproximação do ser humano com o meio natural possibilita a resolução da problemática, por ora aqui discutida.

Acreditar nisso é ingenuamente o mesmo que afirmar que a prática das atividades de aventura na natureza resolveria os problemas da humanidade, tais como, maior apreço pelas emoções na vida cotidiana do homem moderno.

Tal reducionismo seria incoerente com as idéias e discussões apresentadas nesta pesquisa. Pode-se inferir, por meio dos resultados aqui encontrados, que a possibilidade de reaproximação entre o ser humano e a natureza, estabelecida por essas práticas, favorece maior (re)construção e reflexão, imprescindíveis no processo de mudanças axiológicas dos indivíduos na vida cotidiana.

Por meio da valorização das interações intra e interpessoais vivenciadas em tais momentos,

ampliam-se os significados e valores no trato com as emoções e com a natureza, por fazerem sentido ao enredo psicológico humano.

Tais experiências podem ser definidas, como afirma LE BRETON (2006, p.99), como um “[...] corpo a corpo com a natureza onde somente os recursos pessoais estão em jogo”, de modo que os indivíduos possam “[...] sentir o mundo pulsar em si mesmo, tocá-lo com suas próprias mãos, com todo seu corpo [...]” (p.94).

A ênfase aqui compreendida está no sentimento de fusão do ser humano com o mundo, proporcionado pela experimentação de emoções, sentimentos e sensações, no processo de relação do corpo com o ambiente natural, como bem evidenciam BEEDIE (2003), COSTA (2000) e LE BRETON (1995), triunfando prazer, aventura, incertezas e contemplação, promovendo novos sentidos aos sentidos e intensificando a sensação dos indivíduos e suas presenças no mundo.

Abstract

Emotional aspects of physical activities in the nature: reeducating the senses

Discussions concerning physical activities in the nature constantly refer to emotions, in special, with the sensations and feelings of pleasure, rest, vertigo and risk. However, much still, has to be reflected on the emotional states associated to these practices, aiming to deepening knowledge. The purpose of this research, of qualitative characteristic and exploratory-descriptive matrix, was to investigate the emotions felt by a group of young adults that experienced a rappel for the first time, which is common amongst adventure activities in the nature. Data were descriptively analyzed by

Thematic Content Analysis technique and indicated the presence of distrustful feelings, sensations and emotions, as anxiety, unreliability and tension, as well as, those considered pleasant, as joy, challenge, adventure, beyond others that synthesize both poles, as fear, unchained for the characteristics of these practical in natural environments.

UNITERMS: Emotion; Nature; Adventure activities; Leisure.

Referências

- ADORNO, T.W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BEEDIE, P. Mountain guiding and adventure tourism: reflections on the choreography of the experience. **Leisure Studies**, London, v.22, n.2, p.147-67, 2003.
- BETRÁN, J.O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.
- BRAMANTE, A.C. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, W.W. (Org.). **Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- BRUHNS, H.T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.
- _____. Ecoturismo e caminhada: na trilha das idéias. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.
- COSTA, V.L.M. **Esporte de aventura na natureza e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.
- DAMÁSIO, A.R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals**. New York: Philosophical Library, 1872.
- DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LE BRETON, D. **La sociologie du risque**. Paris: Autrement, 1995.
- _____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.
- LEDOUX, J. **O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- McDERMOTT, L. Exploring intersections of physicality and female-only canoeing experiences. **Leisure Studies**, London, v.23, n.3, p.283-301, 2004.
- MARCELLINO, N.C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MARINHO, A. Atividades recreativas e ecoturismo: a natureza como parceira no brincar. In: SCHWARTZ, G.M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- _____. Lazer, natureza, viagens e aventura: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.
- PIMENTEL, G.G.A. Aventuras de lazer na natureza: o que buscar nelas. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). **Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza**. São Paulo: Manole, 2006.
- RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCHWARTZ, G.M. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.49-54, 2001.
- _____. Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M.S.; PINTO, L.M.S. (Orgs.). **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: [s.ed.], 2002.
- _____. Atividades recreativas e sensibilização: os jogos sensitivos. In: SCHWARTZ, G.M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

_____. A aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco. In: SCHWARTZ, G.M. (Org.). *Aventuras na natureza: consolidando significados*. Jundiaí: Fontoura, 2006.

SHARPE, E.K. "Going above and beyond:" the emotional labor of adventure guides. *Journal of Leisure Research*, Arlington, v.37, n.1, p.29-50, 2005.

SONAK, S. Ecological footprint of production: a tool to assess environmental impacts of tourism activity. *The Journal of Tourism Studies*, Townsville, v.15, n.2, p.2-12, 2004.

SPINK, M.J.P.; ARAGAKI, S.S.; ALVES, M.P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.18, n.1, p.26-38, 2005.

SPINKS, W.; LAWLEY, M.; RICHINS, H. Satisfaction with sunshine coast tourist attractions: the influence of individual visitor characteristics. *The Journal of Tourism Studies*, Townsville, v.16, n.1, p.12-23, 2005.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ENDEREÇO

Tiago Nicola Lavoura
R. Dr. Paulo Simões, 61
13403-051 - Piracicaba - SP - BRASIL
e-mail: nicolalavoura@uol.com.br

Recebido para publicação: 15/08/2007

1a. Revisão: 03/03/2008

2a. Revisão: 18/05/2008

Aceito: 12/08/2008